

O CURRÍCULO E AS CORRENTES: DA FICÇÃO À REALIDADE

Fábio Roberto Pillatt¹
Anna Rosa Fontella Santiago²
Helena Copetti Callai³

Resumo

Este ensaio teórico discorre sobre práticas pedagógicas e currículos no contexto educacional contemporâneo. O tema é introduzido confrontando a sociedade contemporânea e sua realidade educacional com a de sociedades fictícias retratadas em obras literárias e cinematográficas conhecidas. Em seguida, interpretações de autores tidos como referência na temática abordada são apresentadas. Ao passo que as abordagens defendidas pelos teóricos vão sendo expostas, também estas são defrontadas com os cenários fictícios, promovendo uma natural comparação entre ambos e instigando uma maior e mais liberta compreensão em relação aos modelos educacionais contemporâneos e de seus artifícios emancipatórios ou regulatórios.

Palavras Chave: Currículo, Emancipação, Regulação.

1 Faculdade de Balsas - UNIBALSAS

2 Universidade Regional do Noroeste de Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUI

3 Universidade Regional do Noroeste de Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUI

CURRICULUM AND CHAINS: FROM FICTION TO REALITY

Abstract

This theoretical review reflects about teaching practices and curriculum in the contemporary educational context. The theme is introduced confronting contemporary society and its educational reality with the fictional societies portrayed in literature and cinematographic works well-known. Subsequently, the interpretations of authors considered reference in the subject discussed are presented. While the approaches supported by theorist are being exposed, they are also faced with the fictitious scenario, promoting a natural comparison between both and instigating a better understanding in relation to the contemporary educational models and their emancipating or regulatory devices.

Keywords: Curriculum, Emancipation, Regulation.

INTRODUÇÃO

No âmbito educacional, a medida certa entre emancipação e regulação/uniformização sempre foi motivo de austeros debates entre educadores, gestores e pensadores da educação. Os defensores da primeira destacam a “liquidez” contemporânea, a pluralidade cultural e a liberdade identitária como aspectos influenciadores da “balança” para o lado emancipatório da educação. Por outro lado, o risco do comportamento individualizado e a perda de uma perspectiva de contexto coletivo tendem a balançar para o lado mais homogeneizador e regulador da educação. A questão está centrada, portanto, no quanto o sistema educacional deve adotar destas duas diretrizes para alcançar o equilíbrio necessário ao atual cenário.

A dicotomia Emancipação versus Regulação aproxima-se do dilema entre liberdade e segurança trazido por (Bauman, 2003). Segundo Zygmunt Bauman, este se dá no momento em que a sociedade, ao escolher por maior liberdade, precisa abrir mão de certa segurança, ao passo que, se a escolha for por maior segurança, invariavelmente há de se renunciar de parte da liberdade. O mesmo acontece, no contexto educacional, com a emancipação e a regulação. A tensão entre estes quatro conceitos, tidos como dicotômicos, relacionam-se com questões referentes à comunidade e à individualidade, determinando grande parte da identidade social pós-moderna.

Em meio a interesses políticos e econômicos diversos, a disputas entre ideologias liberais ou nacionalistas, neoliberais ou socialistas, enfim, em meio a um cenário extremamente dinâmico e complexo, encontra-se a definição do currículo como ferramenta de construção de uma identidade desejada para o cidadão pertencente a esta sociedade, ao mesmo tempo globalizada e desigual. No Brasil, esta temática voltou a ter grande repercussão com a recente proposição, desencadeada pelo Ministério da Educação, de uma Base Nacional Comum Curricular – BNCC responsável por orientar a elaboração

dos currículos nacionais para a educação básica. Destarte, o embate entre emancipação e regulação voltou a ocupar grande espaço nos debates.

Desde sua concepção, no início do século 20, o currículo vem sendo utilizado para edificar a identidade de uma sociedade. Identidade esta tida como ideal, seja por uma ideologia liberal ou nacionalista, mas geralmente determinada por classes dominantes. A intencionalidade política e econômica das mudanças curriculares são muitas vezes conduzidas por interesses de conjuntura global, mas especialmente sentidas pelas nações colonizadas e muitas vezes camufladas por interesses alienadores. Muitas destas mudanças têm interpretado processos de hibridação, multiculturalismo e interculturalidade como excepcionalidade e não com naturalidade, fortalecendo seus pilares na ideologia dominante ocidental, assumindo cada vez mais um caráter economicista.

O presente ensaio teórico usa como plano de fundo a tensão entre regulação e emancipação no contexto educacional, bem como, o impacto da construção curricular para a manutenção deste cenário. Busca-se retratar, utilizando-se de um teor metafórico, o comportamento por vezes alienador e condicionador que, em um âmbito globalizado, assume o modelo educacional vigente, bem como, os prováveis impulsionadores deste comportamento. Liberdade, individualidade, segurança e identidade permeiam a trama entre ficção e realidade e conduzem para uma reflexão mais liberta de “pré-conceitos” já estabelecidos. O tensionamento do modelo educacional real com o aplicado em cenários fictícios se dá com o objetivo principal de provocar, inicialmente, um sentimento de espanto, conforme sugere (Santos, 2009), para, desta forma, assegurar a importância de se promover um debate “conflitual” sobre o tema, assim como justificar a necessidade e relevância da continuidade deste estudo.

A APRENDÊNCIA: DA CAVERNA DE PLATÃO À MATRIX.

O cenário utópico, digno das mais contundentes histórias de terror, nos é apresentado por Platão no Mito da Caverna. Correntes, gemidos, penumbra, e, à frente dos prisioneiros, curiosas sombras que se formam, constituindo-se na representação de mundo para os desventurados aprisionados. As correntes e a (pré)designação destas sombras são exploradas nesta seção, juntamente com a análise de outros dois cenários fictícios presentes na literatura: A sociedade vislumbrada por Aldous Huxley em “Admirável Mundo Novo”, e a trilogia produzida pelos irmãos Wachowski em “The Matrix”, sendo que ambos podem ser considerados uma releitura da Caverna de Platão. O objetivo desta seção é refletir sobre os modelos educacionais utilizados no contexto destes três peculiares e fictícios enredos.

A jornada é iniciada com a sociedade idealizada por Aldous Huxley, na longínqua década de 1930, materializada no *best seller* “*Brave New World*” (Huxley, 1932). Nesta obra o autor ilustra uma sociedade constituída em um distante futuro, onde as pessoas são pré-condicionadas biologicamente e induzidas psicologicamente a viverem em harmonia com as leis e regras sociais vigentes. A sociedade é organizada sob um sistema científico de castas. Não há vontade livre. A felicidade é alcançada através de doses regulares de uma droga, chamada SOMA, legalizada e indicada para uso irrestrito. Os valores éticos e religiosos ilustrados na saga de Huxley diferem exponencialmente dos tradicionais, as crianças são iniciadas à sexualidade precocemente e a instituição família inexistente.

Por sua vez, a famosa produção cinematográfica intitulada “The Matrix” (The Matrix, 1999), possui curiosa convergência para com a sociedade de Huxley. Trata-se de uma trilogia que discorre sobre a luta do ser humano, por volta do ano de 2200, para livrar-se do domínio das máquinas que os utilizam como fontes de energia, aprisionando-os em habitáculos nos campos de cultivo. Os seres humanos são conectados a um *software* de realidade virtual chamado MATRIX, que simula a sociedade

do final do século XX, e passam a viver neste cenário virtual enquanto seus corpos reais permanecem mergulhados nos habitáculos, gerando energia para as máquinas.

Os três cenários aproximam-se em vários sentidos, como, por exemplo, na construção de uma falsa realidade, tal como o mundo de sombras de Platão, a sensação condicionada de felicidade ilustrada em Admirável Mundo Novo ou ainda a simulação virtualizada do real em Matrix. O conhecimento é mediado e controlado por meio de princípios passivos similares, respeitada a temporariedade das técnicas: o uso de imagens através das sombras na caverna, o condicionamento realizado durante o sono descrito por Huxley e o *upload* de bibliotecas eletrônicas ilustrado em Matrix.

Outro ponto congruente entre os três cenários está na desumanização do homem, na morte do indivíduo. O ser humano passa a ser visto como um ser hegemônico, ou, no máximo, classificado em um número restrito de castas, com comportamentos, objetivos e pensamentos comuns. A individualidade é ignorada e combatida. A liberdade é o pano de fundo das três ficções, seja por sua ausência ilustrada na Caverna de Platão, seja por sua constante busca delineada em Matrix. Já em Admirável Mundo Novo, a recusa de uma sociedade massificada e a negação até mesmo à liberdade de isolar-se, são a causa do suicídio de John, o Selvagem, protagonista da trama.

A estabilidade caracteriza-se como a essência do sucesso destas três sociedades fictícias. Na Caverna de Platão a resignação ao *status quo*, por mais desumano que seja, faz com que os prisioneiros recusem sua liberdade, ignorando a existência de outro contexto, senão o já vivido. Em prol da estabilidade social, em Admirável Mundo Novo, o estado proclama uma lei que proíbe Shakespeare, bane Beethoven e refuta a filosofia. A escola e os meios de comunicação só tratam de assuntos que promovam a estabilidade e a anuência ao contexto que se é posto. Já em Matrix, a construção de um cenário virtual que simula um estado de conforto faz com

que os personagens da trama tenham extrema dificuldade em aceitar a virtualidade do cômodo mundo onde vivem e o aterrorizante cenário que constitui a realidade. A estabilidade, mesmo que virtual, traz a dúvida entre o acordar para a realidade ou o permanecer sonhando em um mundo irreal.

E assim, as semelhanças entre os três cenários aqui descritos continuam. Apesar da distância temporal, as características comportamentais se assemelham. Esta mesma semelhança também pode ser encontrada nas práticas de ensino utilizadas. É sobre este assunto que se pretende deter a partir de agora: Uma discussão sobre correntes e escolhas, ou seja, metodologias e currículos.

Em primeira instância, são analisadas as ferramentas utilizadas para a prática do ensino. Na caverna de Platão, paredes e sombras são usadas para promover a construção do conhecimento que representa a ideia de mundo para os prisioneiros. Estes permanecem imóveis, passivos, apenas vislumbrando as estranhas imagens que se formam nas paredes da caverna. O aprendizado se dá quase que estritamente por meio visual e sem qualquer ação colaborativa dos aprendentes. As correntes impedem a interação dos prisioneiros e constituem-se de peça chave para que o aprendizado seja alcançado da maneira almejada pelo condutor do processo. Desta forma, as paredes constituem-se como lousas, as sombras representam graficamente o que está sendo ensinado, e as correntes condicionam o aprendente para o aprendizado. A caverna de Platão nada mais é do que uma sala de aula.

Em Admirável Mundo Novo, Aldous Huxley apresenta maneiras peculiares para promover o aprendizado e garantir a tão almejada estabilidade social. Tudo o que não pode ser controlado, que não possua um comportamento estável, deve ser evitado. Neste sentido, a predestinação social e o condicionamento emocional são práticas utilizadas para eliminar a vida social, o imprevisível, programando corações e mentes para que ajam sempre da maneira desejável, sem desvios de conduta.

Algumas técnicas de ensino são apresentadas por Huxley em sua obra. A hipnopédia é uma delas. Esta técnica, também conhecida como *sleep-learning*, busca promover a internalização de conceitos e condutas por meio de cursos/afirmações repetidas auditiva e exaustivamente durante o período de sono. Em Admirável Mundo Novo, crianças são submetidas a ela desde os primeiros dias de vida. Seções diárias de repetições de conceitos ou condutas a serem seguidas fazem parte da rotina destas crianças em seus períodos de sono. Esta técnica assume a premissa de que um conceito repetido milhões de vezes passa a ser tido como uma verdade absoluta por qualquer ser humano.

Evitar o imprevisível também faz parte da estratégia assumida na saga de Huxley em relação ao processo de ensino de sua sociedade fictícia. A identidade homogeneizada e a estabilidade devem ser respeitadas acima de tudo. Palavras que remetem ao passado ou ao progresso são excluídas uma vez que a sociedade é perfeita e não requer qualquer tipo de melhoria. A dúvida, a imprecisão a desconfiança não devem existir ou serem instigadas. O aprendizado é constituído de afirmações, nunca de questionamentos.

Desde cedo as crianças são induzidas a abominarem os livros e a natureza, considerados instrumentos não controláveis. Para tanto, as crianças são submetidas a seções de tortura onde livros e flores lhes são oferecidos. Toda vez que elas os tocam, recebem fortes descargas elétricas. Esta prática é repetida inúmeras vezes até as crianças criarem uma profunda aversão aos livros e à natureza.

A palavra chave na proposta de ensino de Huxley é o “condicionamento”. Os seres humanos são treinados para seguirem determinadas condutas pré-estabelecidas, de forma a garantir uma cômoda estabilidade social e a resignação quanto aos diferentes papéis assumidos nesta comunidade. Neste cenário, o homem encontra-se tão acorrentado quanto na caverna de Platão.

Em *The Matrix*, o aprendizado está centrado na tecnologia, no *upload*⁴ de bibliotecas digitais que encapsulam determinado conhecimento e que podem ser incorporadas à representação digital do ser humano conforme estabelecido pelo sistema de controle do mundo virtual, chamado de Matrix. Como técnica, podemos imaginá-la como o estado da arte da aprendizagem, por quanto que é isenta a falhas. Uma vez “instalada” a biblioteca digital de conhecimento, este passa a figurar como aprendido, internalizado, pelo ser humano digital. No entanto, a questão está na construção desta biblioteca digital, na escolha dos conteúdos que serão encapsulados pela mesma. A questão passa a ser o currículo e sua unidirecionalidade concepcional.

A técnica proposta em *The Matrix* parece trazer melhores resultados. Fundamentalmente quando o ser humano se esquivava do controle da Matrix e passa a ter certo poder de operação sobre a mesma, tornando-se possível a escolha do conhecimento a ser adquirido. Nesta situação vivenciada na trilogia, a representação digital do homem é capaz de solicitar ao operador da Matrix o aprendizado instantâneo de determinados conhecimentos pré-encapsulados.

No entanto, quando deixado de lado o teor vanguardista e ficcionista da técnica de ensino proposta em Matrix, percebe-se que os princípios são semelhantes aos utilizados na caverna de Platão e na sociedade idealizada por Huxley. O processo continua sendo de mão única, com um comportamento extremamente passivo por parte do aprendente, e utilizado como uma ferramenta de manipulação e condicionamento do ser humano tanto na sociedade virtual quanto na real.

Vislumbradas as técnicas de ensino utilizadas nos três cenários em estudos, técnicas estas que acorrentam o humano em um mundo pré-estabelecido pelo condutor do processo,

4 O processo é controlado pela Matrix e não pela representação digital do ser humano. Em virtude disto a aquisição do conhecimento, em seu procedimento normal, não se constitui de um *download*, mas sim, de um *upload*.

parte-se agora para a compreensão das escolhas, ou seja, para o estudo do currículo destas três sociedades.

Na caverna de Platão o currículo constitui-se do mundo que é apresentado ao prisioneiro. Assim como nos demais cenários aqui estudados, o aprendente não possui qualquer tipo de ingerência na escolha de tais conteúdos, ele apenas os recebe como verdades absolutas e representação de um mundo tido como único. A construção do currículo é realizada pelos condutores do processo que determinam as características do mundo no qual o prisioneiro está passivamente inserido. As correntes, ou seja, os métodos de ensino impedem que o prisioneiro questione tais verdades e o condicionam a aceitá-las, mesmo com a possibilidade de uma quebra destas correntes.

Em Admirável Mundo Novo, o currículo é construído conforme a necessidade de mercado e as diferentes castas biologicamente constituídas. A medida que surge a necessidade de noventa e cinco novos trabalhadores para uma usina, noventa e cinco gêmeos idênticos são criados, por meio de um único “ovo *bokanovskizado*”⁵, e treinados para operar noventa e cinco máquinas idênticas. A estabilidade social deve ser garantida a qualquer preço e, para que isto aconteça, cada participante desta sociedade deve resignar-se à função para a qual foi criado. É função do currículo, promover tal resignação, tornando possível que cada engrenagem cumpra com seu papel sem qualquer tipo de questionamento.

Em *The Matrix*, o currículo é a própria matrix. Assim como na caverna de Platão, representa um mundo irreal tido como verdadeiro. Implementado pelas máquinas, idealiza um cenário de acomodação, condicionando o ser humano a simplesmente cumprir com o seu papel: servir de bateria para as máquinas. Os homens gerados nos campos de cultivo são

5 Espécie de técnica de clonagem descrita na obra de Aldous Huxley, onde um número indeterminado de gêmeos idênticos poderia ser criado por meio de uma única célula ovo.

usados pelo sistema assim como as castas baixas de Admirável Mundo Novo.

Nos três cenários o currículo é pensado como uma ferramenta de estabilização social. O mesmo é proposto por um sistema dominante e direcionado para a manutenção desta relação entre dominantes e dominados. Ignora-se qualquer possibilidade de uma educação que contemple diferenças, sejam elas individuais ou culturais. Ou seja, o currículo é idealizado para um ser humano homogeneizado. Não há espaço para a individualidade ou para o multiculturalismo. Pelo contrário. Estes são incansavelmente combatidos. Busca-se a modelagem, por meio do currículo, de um indivíduo possessivo, sem gênero, sem classe e sem raça, estabelecendo uma conexão do currículo com a identidade e o poder por meio da escolha do saber e da construção de um senso comum pré-estabelecido.

O intrigante é que, se excluídos os cenários e mantidas as características, tem-se uma realidade muito parecida com o modelo de escola desenhado no paradigma da modernidade e consolidado pelas pedagogias tradicionais e conservadoras. As obras aqui citadas, tidas como de ficção, em muito representam o modelo educacional consolidado pela modernidade. Platão, Huxley e os irmãos Wachowsk não foram tão vanguardistas quando imaginaram os modelos de ensino para suas sociedades.

BEM-VINDO AO DESERTO DO REAL⁶

Após a ficção, a realidade. Onde estão as semelhanças entre os três cenários acima apresentados e o atual contexto educacional? Quais as relações existentes entre os métodos de ensino e a construção do currículo na ficção com a realidade? Em qual conjuntura situa-se o ensino? Esta seção põe “tête-à-tête” a ficção e o real, em busca de uma compreensão acurada do contexto educacional, tomando como base, em especial, os

6 É com esta passagem que, no filme Matrix, Morpheus apresenta a Neo a verdadeira realidade de um mundo real devastado pelas máquinas.

trabalhos realizados por Boaventura de Sousa Santos, Michael Whitman Apple e Jurjo Torres Santomé. Busca-se, com esta comparação, provocar uma reflexão emancipada em relação a modelos consolidados de ensino.

Neste sentido, Boaventura de Sousa Santos, em (Santos, 2009), alerta para a existência de um conflito cultural entre “dominantes” e “dominados”, bem como, para o momento de estagnação e acomodação social vivido. O autor ressalta o paradoxo existente entre a diversidade estabelecida pela sociedade da informação e a tentativa de estagnação promovida pelo modelo educacional proposto pela sociedade ocidental dominante.

O autor destaca ainda a tendência contemporânea para uma formação hegemônica da sociedade, garantida por processos regulatórios que normatizam esta hegemonia educacional e que buscam a estabilidade social, ou seja, a ordem. Tendo a ordem como pretexto, coíbe-se ações emancipatórias em relação às atuais práticas hegemônicas de ensino, uma vez que a fuga do protótipo educacional estabelecido pode gerar uma desordem, tida como caos, entendido como ignorância.

O conceito de “ordem”, por sua vez, é estabelecido sob os pilares da cultura ocidental dominante, de forma a ignorar culturas tidas como “dominadas”. A diversidade cultural, o multiculturalismo, raramente são incluídos no currículo, evitando-se, desta forma, a emancipação ou o simples questionamento de um mapa cultural fortemente instituído e globalizado.

Segundo Boaventura, o rompimento deste modelo é primordialmente necessário para que o homem possa adaptar-se aos novos conceitos de tempo e espaço presentes na sociedade vigente e, sobretudo, para que novos arranjos sejam efetuados acerca das identidades culturais hoje tidas como dominantes e dominadas. O autor sugere a resolução deste problema por meio do conflito, utilizando-se de um novo modelo pedagógico conflitual e emancipatório que tenha como finalidade desestabilizar os modelos epistemológicos

dominantes e fomentar a capacidade de espanto e indignação dos dominados.

A educação para o inconformismo tem de ser ela própria inconformista. A aprendizagem da conflitualidade dos conhecimentos tem de ser ela própria conflitual. Por isso, a sala de aula tem de transformar-se ela própria em campo de possibilidades de conhecimento dentro do qual há que optar. Optam os alunos tanto quanto os professores e as opções de uns e outros não têm de coincidir nem são irreversíveis. As opções não assentam exclusivamente em ideias já que as ideias deixaram de ser desestabilizadoras no nosso tempo. Assentam igualmente em emoções, sentimentos e paixões que conferem aos conteúdos curriculares sentidos inesgotáveis. Só assim é possível produzir imagens desestabilizadoras que alimentem o inconformismo perante um presente que se repete, repetindo as opções indesculpáveis do passado (Santos, 2009, p. 19).

O cenário trazido por Boaventura em muito se parece com os descritos na seção anterior. A existência de culturas tidas como dominantes e dominadas permeiam todos os cenários, bem como, o uso de métodos de ensino e da definição de currículos voltados para a manutenção da estabilidade de tal cenário. Práticas emancipatórias tendem a ser reprimidas em prol da necessidade de se manter uma ordem social pré-determinada. Mesmo que de forma tímida em virtude da forte estagnação promovida pelo modelo educacional estabelecido, a busca por um processo emancipatório é constantemente trazido à tona, e este passa, fundamentalmente, por mudanças paradigmáticas no modelo educacional. O processo de estagnação social promovido pelas sociedades idealizadas por Wachowsk, Huxley e Platão é replicado no cenário descrito por Boaventura, bem como, o desejo autocontido de libertação.

Já Michael Apple, em (Apple, 2005), expõe o uso do currículo como ferramenta para manutenção de uma ideologia neoliberal dominante e de políticas dirigidas pelo mercado. O autor destaca a construção (ou estereotipagem), por meio do currículo, de um indivíduo possessivo, envolvido

por um comportamento consumista, cercado por um mundo onde tudo é, potencialmente, um produto à venda. Ratifica, portanto, o já citado em (Silva, 1999) em relação a conexão do currículo com a identidade e o poder por meio da escolha do saber e da construção de um senso comum pré-estabelecido.

Michael Apple alerta quanto ao fenômeno mundial de mercantilização e centralização do controle e sua tendência voltada também para a educação, vindo ao encontro de interesses neoliberais. O sucesso deste modelo, segundo o autor, fundamenta-se especialmente na escolha cirúrgica dos saberes, ou seja, na construção do currículo, bem como, de ações para a manutenção desta ideologia curricular, muitas vezes acobertadas por políticas supostamente direcionadas a movimentos sociais, mas que na prática aumentam a desigualdade nas escolas e levam a perda do ímpeto pela busca de soluções coletivas para problemas sociais mais urgentes.

Muitos dos aspectos de nossas vidas, inclusive o Estado e a sociedade civil, devem ser amalgamados à economia e à lógica econômica. Muito embora sempre vá haver tendências contra hegemônicas, nossas interações diárias, até mesmo nossos sonhos e desejos, devem, enfim, ser governadas pelas “realidades” e relações do mercado. Nesse cenário, uma sociedade e uma cultura não deverão ser baseadas na confiança, nem em valores compartilhados. Mais propriamente, todos os aspectos desta sociedade terão que ser baseados e enfrentar a exposição, a mais extrema possível, às forças do mercado, com mercados internos, centros de lucro, auditorias e resultados financeiros, penetrando a vida como um todo, de hospitais a grupos teatrais e escolas (Apple, 2005, pgs. 34-35).

Também no cenário descrito por Apple, pode ser percebida estreita semelhança com as ficções citadas na seção anterior. A primeira delas, diz respeito a criação de um estereótipo homogeneizado do humano, com um comportamento consumista e direcionado pela cultura mercantilista. Constrói-se, por meio da educação, uma identidade desejada (estereótipo), ignorando-se as diferenças

e a multiculturalidade, de forma similar à virtualização do humano tida em Matrix. A segunda semelhança está na forma como esta identidade desejada é alcançada, a qual é determinada pelo mercado e implementada pelo currículo, da mesma maneira que as fábricas de “Admirável Mundo Novo” determinam a concepção e treinamento de novos funcionários para operarem suas máquinas ou de indivíduos para consumirem seus produtos.

Jurjo Torres Santomé, por sua vez, em (Santomé, 2013), apresenta a ingerência do currículo escolar na construção, ou desconstrução, da justiça social, sob a ótica do planejamento curricular e das políticas de educação. O autor alerta para os “sentidos ocultos” da educação, que tenuamente constroem padrões normativos preconceituosos, competitivos e pouco solidários. Os currículos escondem um mundo completamente segregado e conservador, promovendo, muitas vezes, comportamentos classistas, sexistas, racistas, nacionalistas, voltados para uma formação homogeneizada e excludente.

Santomé analisa a construção do currículo e sua ação doutrinadora, elaborada por classes e órgãos detentores do poder econômico e direcionada para o atendimento de seus interesses. Os conteúdos e métodos de ensino utilizados pelas instituições escolares são tidos como “dogmas”, como verdades indiscutíveis, e, muitas vezes, são responsáveis, quase que imperceptivelmente, pelo fomento de práticas preconceituosas tais como a segregação e exclusão social, a desconexão cultural e de conteúdos, a negação das minorias e o desmerecimento do passado.

Este “legado oculto” da educação, direcionado ao condicionamento social e movido por interesses econômicos, é metaforicamente comparado pelo autor ao “Cavalo de Troia”, como um estratagema para a conquista do educando. Externamente constituído de arranjos tidos como basilares para a formação do ser social, frequentemente ornamentado com a retidão tida como socialmente hegemônica, mas

internamente repleto de convencionalismos, por muitas vezes, preconceituosos, condicionadores e dominadores.

Construir um sistema educativo justo, que respeite a diversidade e esteja comprometido com projetos curriculares que combatem a discriminação implica, entre outras medidas, prestar muita atenção às políticas de recursos didáticos, de materiais curriculares, para que não funcionem como cavalos de Troia, cujos conteúdos não seriam aceitos pelos docentes, estudantes ou suas famílias se estivessem conscientes das manipulações, dos erros e dos preconceitos ocultos em seu interior (Santomé, 2013, pgs 226-227).

Se confrontada à ficção, também aqui são observadas semelhanças. Santomé apresenta uma realidade mais direcionada ao treinamento do que à educação de uma sociedade. Alerta quanto à utilização do currículo como instrumento de condicionamento em busca de comportamentos tidos como adequados e demandados por determinada classe dominante. O cenário assemelha-se à busca pela estabilidade social relatada em “Admirável Mundo Novo”, ao condicionamento comportamental e à resignação sociocultural. Assim como as diferentes castas são concebidas e perpetuadas na sociedade idealizada por Huxley, também no relato de Santomé é destacado o uso da educação como instrumento de segregação social e a complexidade para abolir tal segregação.

Conforme descrito pelos autores supracitados, o cenário real, assim como o fictício, também se caracteriza pela estagnação e condicionamento social. A necessidade da “fuga da caverna” é evidente, mas está longe de ser uma tarefa simples. O ato de sair da caverna requer, sobretudo, coragem e desprendimento em relação a um modelo de conhecimento fundamentalmente metafísico, tecnicista e alienador.

A academia crava seus pilares na tradição. Impregna-se de três mil anos de história ocidental dominante para ditar suas verdades e tê-las como únicas e imutáveis. Ao sustentar-se exclusivamente na tradição, trai seus princípios, cumprindo

com a etimologia⁷ da palavra. Segundo (Waddington, 2002), a traição se configura no exato instante em que a tradição deixa de ser ponte, enquanto transferência de um legado cultural de uma geração para outra, e passa a ser fosso, dificultando o interpretar em troca de um simples ato de dar e receber. A traição se configura quando, envolto da mística da educação, acorrenta-se ao invés de libertar-se.

Sendo a tradição fortemente influenciada por uma perspectiva político-econômica dominante que, naturalmente, busca sua perpetuação, faz-se necessário o ocultamento de tal aspiração, especialmente em relação àqueles tidos como dominados. Neste sentido, a figura metafórica do Cavalo de Tróia, citada por (Santomé, 2013), encaixa-se perfeitamente na representação deste enredo, uma vez que, segundo os autores supracitados, o modelo educacional atualmente consolidado muitas vezes utiliza-se do currículo para, em suas “entranhas”, ocultar práticas educativas alienadoras e segregadoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca por uma educação emancipatória implica, em um profundo interpretar conjuntural. Antes do romper das correntes, da libertação da caverna, é necessário se ver dentro dela. Antes de libertar-se de um modelo educacional tido como alienador e condicionante é fundamental a compreensão da existência de uma sociedade que possui uma tradição e que vislumbra o conhecimento como uma maneira de hegemonia social dentro desta. Neste sentido, o papel deste ensaio teórico foi promover uma espécie de desvelamento ao real, de descobrimento das correntes, ou ainda, de revelação da existência da MATRIX.

Após esta breve “acareação” entre realidade e ficção, surgem alguns questionamentos ainda sem suas respectivas respostas: Mesmo sendo a educação considerada uma ciência;

7 Tradição vem do latim e designa a ação de dar, a entrega, a TRAIÇÃO. Dar em mão, passar a outro, confiar. Trair, atraiçoar, abandonar, ceder, renunciar.

mesmo com a contínua reflexão das práticas pedagógicas, dos métodos de ensino e da construção dos currículos; mesmo com tantos renomados educadores, pedagogos, pesquisadores; o que justifica, em pleno século XXI, nações inteiras ainda assumirem o papel de troianos na implantação de seus modelos educacionais?

Muitas hipóteses podem ser aqui levantadas. A fuga da caverna requer uma educação, de fato, emancipadora, que incite o questionar ao invés do aceitar, que fomente o interpretar ao invés do simples receber. O condicionamento para um comportamento hegemônico global, camuflado por ideologias neoliberais, pode, talvez, representar este “presente de grego” entregue prazenteiramente às nações tidas como colônias, não apenas no intuito de acorrentá-las no âmbito político-econômico, mas na intensão de subjugar sua liberdade identitária e cultural.

As correntes também podem estar sendo representadas, no contexto educacional, por modelos avaliativos internacionais hegemônicos, fundamentalmente quantitativos e de âmbito regulador, que estabelecem diretrizes educacionais ideologicamente dominantes, desconsiderando as singularidades dos diferentes cenários. A emancipação educacional pode depender, portanto, de uma prévia emancipação do modelo avaliativo vigente.

Tais hipóteses podem servir como ponto de partida para outros trabalhos no intuito de dar continuidade a este ensaio teórico e tentar chegar o mais próximo possível do equilíbrio entre emancipação e regulação sem que se prevaleça o comportamento alienatório. Ver-se dentro da caverna é o primeiro passo. A fuga passa a ser um dos grandes desafios deste “Admirável Mundo Novo”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPLE, Michael Whitman. Para Além da Lógica do Mercado: Compreendendo e Opondo-se ao Neoliberalismo. Rio de Janeiro, Editora DP&A. 2005. 95 p.

BAUMAN, Zygmunt. Comunidade: A Busca por Segurança no Mundo Atual. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.. 2003. 138 p.

HUXLEY, Aldous. *Brave New World*. Londres, Chatto & Windus. 1932. 176 p.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. Currículo Escolar e Justiça Social: O Cavalo de Troia da Educação. Porto Alegre, Penso. 2013. 336 p.

SANTOS, Boaventura Sousa. Para uma Pedagogia do Conflito. In: FREITAS, A.L.S; MORAES, S.C. Contra o Desperdício da Experiência: A Pedagogia do Conflito Revisitada. Porto Alegre, Redes Editora. 2009. p. 15-40.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de Identidade: Uma Introdução às Teorias do Currículo. Belo Horizonte, Autêntica; 1999. 154p .

THE MATRIX. (Matrix, Matrix Reloaded, Matrix Revolutions). Direção de Andrew Paul Wachowski e Laurence Wachowski. 1999.

WADDINGTON, Claudius Bezerra Gomes. Tradição, Conhecimento e Interpretação. Revista Tempo Brasileiro, janeiro, nº 148. 2002. p. 169-185.

Submetido em:25/10/2016

Aprovado em: 26/11/2016